

Quando se deita para dormir, há uma paisagem que sempre lhe enche o espírito:

Uma floresta de pinheiros cobre os montes, tão densa como o pelo de um urso. No ar límpido da montanha, o céu é tão azul que lhe fere os olhos quando o contempla. Muito longe da estrada, há um vale secreto de vertentes íngremes e um rio frio a correr ao centro. Aí, oculta dos olhares de estranhos, foi desbravada uma soalheira encosta virada a sul, onde crescem videiras bem alinhadas.

Quando se recorda da sua beleza, parece-lhe que o seu coração se vai quebrar.

Homens, mulheres e crianças movem-se lentamente pela vinha a cuidar das plantas. São os seus amigos, as suas amantes, a sua família. Uma das mulheres ri-se. É uma mulher grande de longos cabelos escuros, e ele sente por ela um carinho especial. Ela atira a cabeça para trás e abre muito a boca, e a sua voz límpida e grave flutua pelo vale como o canto dos pássaros. Alguns homens entoam lentamente um mantra enquanto trabalham, pedindo aos deuses do vale e das videiras uma boa colheita. A seus pés, restam uns quantos tocos enormes que lhes recordam o trabalho brutal que criou aquele lugar vinte e cinco anos antes. O solo é pedregoso, o que é bom, pois as pedras retêm o calor do sol e aquecem as raízes das videiras, protegendo-as da geada mortal.

Para lá da vinha, ergue-se um grupo de edifícios de madeira, simples mas bem construídos, resistentes ao tempo. O fumo eleva-se de uma cozinha. Numa clareira, uma mulher ensina um rapaz a fazer um barril.

É um lugar sagrado.

Protegido pelo sigilo e pelas orações, manteve-se puro, os seus habitantes livres, ao passo que o mundo para lá do vale degenerou em corrupção, hipocrisia, ganância e imundície.

Todavia, a visão altera-se.

Algo aconteceu ao rio que corre rápido e gelado e que dantes ziguezagueava pelo vale. O seu marulhar foi silenciado, a sua pressa abruptamente sustida. Em vez de uma corrente de água clara, há agora um lago escuro, silencioso e imóvel. As margens parecem estáticas, mas se ele desviar o olhar por momentos, as águas sobem e, em breve, vê-se obrigado a subir a encosta.

Não consegue perceber por que motivo os outros não reparam no subir das águas. Quando o lago negro lambe a primeira fila de videiras, continuam a trabalhar, os pés mergulhados em água. Os edifícios ficam rodeados de água, logo inundados. Na cozinha, o lume apaga-se, e barris vazios flutuam para longe através do lago. Por que razão não fogem?, pergunta a si próprio, e um pânico asfixiante espalha-se-lhe na garganta.

O céu está agora toldado por nuvens cor de chumbo, e um vento frio agita-lhes a roupa, mas eles continuam a andar por entre as videiras, baixando-se e levantando-se, sorrindo uns para os outros, conversando em voz suave e normal. Ele é o único que consegue ver o perigo e dá-se conta de que tem de pegar numa ou em duas ou mesmo em três crianças para as salvar de morrerem afogadas. Tenta correr para a filha, mas descobre que tem os pés presos na lama e não se consegue mexer. O terror invade-o.

Na vinha, a água chega aos joelhos dos trabalhadores, depois à cintura, depois ao pescoço. Tenta gritar àquela gente que ama, dizer-lhes que têm de fazer algo agora, depressa, nos próximos segundos, ou morrerão, mas embora abra a boca e esforce a garganta, não sai nenhum som. Fica possuído por um terror imenso.

A água entra-lhe na boca aberta e começa a sufocá-lo.

É então que acorda.

CAPÍTULO UM

Um homem de nome Priest puxou para baixo a aba do seu chapéu de *cowboy* e olhou o deserto plano e poeirento do Sul do Texas.

Os arbustos baixos de alfarrobeira-espinhosa e de artemísia, de um verde-baço, estendiam-se em todas as direções até onde o olhar alcançava. Na sua frente, um acidentado trilho cheio de sulcos com três metros de largura fora aberto através da vegetação. Os condutores hispânicos dos buldózers, que os abriam em linhas brutalmente direitas, chamavam-lhes *senderos*. De um lado, a intervalos exatos de cinquenta metros, esvoaçavam bandeirolas de marcação de um rosa-vivo, presas a pequenos postes de arame. Avançando lentamente ao longo do *sendero* via-se um camião.

Priest tinha de o roubar.

Furtara o seu primeiro veículo aos onze anos. Era um *Lincoln Continental* de 1961 novinho em folha e branco como a neve. Estava estacionado com as chaves no tabliê em frente do Roxy Theater, na South Broadway, em Los Angeles. Priest, que nesses tempos se chamava Ricky, mal conseguia ver por cima do volante. Tivera tanto medo que quase fizera chichi nas calças, mas guiou-o ao longo de dez quarteirões e, orgulhoso, entregou as chaves a Jimmy Riley, o *Focinho de Porco*, que lhe deu cinco libras e depois levou a namorada a dar uma volta, acabando por espatifar o carro na Pacific Coast Highway. Foi assim que Ricky se tornou membro do gangue do Focinho de Porco.

Aquele camião, porém, não era um mero veículo.

Enquanto olhava, a potente maquinaria por trás da cabina do condutor baixou lentamente até ao chão uma gigantesca chapa de aço com cerca de meio metro quadrado. Fez-se uma pausa, e depois ouviu um ribombar grave. Em volta do camião ergueu-se uma nuvem de pó, à medida que a chapa começava a martelar o solo ritmadamente. Sentiu-o tremer sob os pés.

Tratava-se de um vibrador sísmico, uma máquina destinada a enviar ondas de choque através da crosta terrestre. Priest nunca recebera muita instrução, exceto no que dizia respeito a roubar carros, mas era o tipo mais esperto que já conhecera e percebia como trabalhava o vibrador. Era semelhante ao radar e ao sonar. As ondas sísmicas eram refletidas por determinados componentes da terra — como a rocha ou o líquido — e regressavam à superfície, onde eram registadas por aparelhos de escuta chamados geofones ou *jarros*.

Priest trabalhava na equipa dos geofones. Tinham colocado mais de mil a intervalos cuidadosamente medidos numa grelha com dois mil e seiscentos quilómetros quadrados. Sempre que o vibrador tremia, os reflexos eram sentidos pelos *jarros* e registados por um supervisor, que trabalhava num atrelado conhecido por *casota*¹. Todas as informações eram mais tarde introduzidas num supercomputador em Houston, a fim de se elaborar um mapa tridimensional do que se encontrava sob a superfície da terra. E o mapa seria vendido a uma companhia petrolífera.

As vibrações subiram de intensidade, fazendo um ruído como o dos poderosos motores de um transatlântico a ganhar velocidade. Depois o som parou abruptamente. Priest correu ao longo do *sendero* até ao camião, semicerrando os olhos por causa do pó que se encapelava à sua volta. Abriu a porta e subiu para a cabina. Um homem atarracado de cabelo preto com cerca de trinta anos sentava-se ao volante.

— Olá, Mario — cumprimentou Priest ao deslizar para o lugar ao lado do condutor.

— Olá, Ricky.

¹ Gíria usada para sala do sondador. (NT)

O nome que constava na carta de condução de pesados, classe B, era o de Richard Granger. A carta era forjada, mas o nome era verdadeiro.

Trouxera um pacote de maços de cigarros *Marlboro*, a marca que Mario fumava, e atirou com ele para o tabliê. — Toma, trouxe-te isto.

— Eh, pá, não precisas de me comprar cigarros.

— Ando sempre a cravar-te. — Pegou no maço aberto que estava no tabliê, sacudiu-o, tirou um e enfiou-o na boca.

Mario sorriu. — Por que diabo não compras para ti?

— Que raio, não, não me posso dar ao luxo de fumar.

— És doido, pá — riu-se Mario.

Priest acendeu o cigarro. Sempre lhe fora muito fácil dar-se bem com as outras pessoas, fazer com que gostassem dele. Nas ruas onde crescera, as pessoas espancavam aqueles de quem não gostavam, e ele era um miúdo franzino. Assim, desenvolvera uma intuição sobre o que desejavam dele — deferência, afeição, humor, fosse o que fosse — e o hábito de lhos facultar rapidamente. No campo petrolífero, o que mantinha os homens unidos era o humor, normalmente a troça, por vezes espirituoso, as mais das vezes obsceno.

Embora ali estivesse havia apenas duas semanas, já ganhara a confiança dos colegas, mas ainda não descobrira como roubar o vibrador sísmico. E tinha de o fazer nas próximas horas, pois no dia seguinte o camião ia ser levado para um novo campo, a setecentos quilómetros de distância, perto de Clovis, no Novo México.

Tinha o vago plano de pedir uma boleia a Mario. A viagem levaria dois ou três dias, pois o camião, que pesava dezoito toneladas, na autoestrada atingia a velocidade de cerca de sessenta quilómetros por hora. A certa altura, faria com que Mario se embebedasse, ou algo assim, e depois arrancava com o camião. Entretinha a esperança de lhe surgir um plano melhor, mas até então falhara-lhe a inspiração.

— O meu carro não trabalha — disse. — Queres dar-me uma boleia até San Antonio amanhã?

Mario mostrou-se surpreendido. — Não vens até Clovis?

— Não. — Fez um gesto para a paisagem desolada do deserto.
— Vou dar uma vista de olhos — revelou. — O Texas é tão bonito, pá, não quero nada ir-me embora.

Mario encolheu os ombros. Naquela área de trabalho não havia nada de estranho num temporário inquieto. — Claro, dou-te uma boleia. — Levar passageiros era contra as regras da companhia, mas os condutores passavam a vida a fazê-lo. — Encontramo-nos na lixeira.

Priest assentiu. A lixeira era uma cova desolada, cheia de carinhas ferrugentas, aparelhos de televisão despedaçados e colchões repugnantes, nos arrabaldes de Shiloh, a cidade mais próxima. Não haveria lá ninguém que visse Mario apanhá-lo, a não ser, talvez, um par de miúdos a dar tiros às cobras com uma espingarda .22.

— A que horas?

— Digamos às seis.

— Eu levo café.

Priest precisava daquele camião, sentia que a sua vida dependia dele. As palmas das mãos ardiam-lhe de vontade de agarrar Mario imediatamente, atirá-lo para fora e afastar-se dali. Isso, porém, não podia ser. Por um lado, Mario era quase vinte anos mais novo que ele e talvez não se deixasse expulsar com essa facilidade. Por outro, não se podia descobrir o roubo durante alguns dias. Priest tinha de levar o camião até à Califórnia e escondê-lo antes de a polícia de todo o país ser alertada para procurar um vibrador sísmico roubado.

O rádio emitiu um bipe, indicando que o supervisor da *casota* verificara os dados da última vibração e não encontrara problemas. Mario ergueu a placa, engatou uma mudança e avançou cinquenta metros, parando exatamente ao lado da bandeirola de marcação cor-de-rosa seguinte. Voltou a baixar a placa e enviou um sinal de preparado. Priest observou com atenção, como já fizera várias vezes, certificando-se de que se lembrava da ordem pela qual Mario puxava as alavancas e ligava os interruptores. Se, mais tarde, se esquecesse de alguma coisa, não teria a quem perguntar.

Aguardaram o sinal de rádio da *casota* que iria dar início à vibração seguinte. Isso podia ser feito pelo condutor no camião, mas em

geral os supervisores preferiam manter eles próprios o comando e iniciar o processo por controlo remoto. Priest acabou o cigarro e atirou a beata pela janela. Com um gesto de cabeça, Mario indicou o carro do amigo, estacionado a cerca de quatrocentos metros na estrada de alcatrão de duas faixas.

— A tua gaja é aquela?

Priest olhou. Star tinha saído do *Honda Civic* azul-claro e apoiava-se na capota, abanando o rosto com o chapéu de palha.

— É — afirmou.

— Deixa-me mostrar-te uma foto. — Mario puxou uma velha carteira de pele do bolso dos *jeans* e de lá tirou uma fotografia que passou a Priest. — Esta é a Isabella — disse com orgulho.

Priest viu uma bonita rapariga mexicana na casa dos vinte anos, envergando um vestido amarelo e uma bandolete também amarela no cabelo. Segurava um bebé sobre a anca e, a seu lado, encontrava-se um rapaz tímido de cabelo preto. — São os teus filhos?

Ele assentiu. — O Ross e a Betty.

Priest controlou a vontade de se rir com os nomes americanos. — São bonitos. — Pensou nos seus próprios filhos e quase falou deles a Mario, mas calou-se mesmo a tempo. — Onde é que vivem?

— Em El Paso.

No espírito de Priest surgiu o gérmen de uma ideia. — E vê-los muitas vezes?

Mario abanou a cabeça. — Farto-me de trabalhar, pá. Pra poupar dinheiro pra lhes comprar uma casa, uma casa bonita com uma grande cozinha e uma piscina no jardim. Eles merecem.

A ideia floresceu. Priest controlou a excitação e manteve a voz descontraída, fazendo conversa fiada. — Pois, uma linda casa para uma linda família, não é?

— É isso que eu acho.

O rádio emitiu novo sinal, e o camião começou a tremer. O ruído fazia lembrar o ribombar dos trovões, mas mais regular. Começava num tom cavo e grave e subia lentamente de intensidade. Após catorze segundos exatos parava.

Na calma que se seguiu, Priest estalou os dedos. — Olha, tive uma ideia... Não, talvez não.

— Que foi?

— Não sei se daria resultado.

— Que foi, pá, o quê que foi?

— Pensei que, sabes, a tua mulher é tão bonita e os teus miúdos tão giros, não está bem não os veres mais vezes.

— A tua ideia é essa?

— Não, a minha ideia é que eu podia levar o camião para o Novo México enquanto tu os ias visitar, mais nada. — Era importante não parecer demasiado ansioso, disse a si próprio. — Mas acho que não vai dar certo — acrescentou numa voz cheia de indiferença.

— Não, pá, não é possível.

— Provavelmente não. Vamos lá a ver, se sairmos amanhã cedo e formos juntos até San Antonio, eu podia deixar-te lá no aeroporto e, ao meio-dia, já podias estar em El Paso, provavelmente. Brincavas com os miúdos, jantavas com a tua mulher, dormias, apanhavas um avião no dia seguinte e eu ia-te buscar ao aeroporto de Lubbock... A que distância fica Lubbock de Clovis?

— Cento e quarenta, talvez cento e sessenta quilómetros.

— Podíamos estar em Clovis essa noite, ou na manhã seguinte o mais tardar, e não havia forma de se saber que não tinhas guiado o caminho todo.

— Mas tu queres ir para San Antonio.

Merda! Priest não pensara bem naquilo, ia inventando à medida que falava. — Eh, nunca fui a Lubbock — disse alegremente. — Foi onde nasceu o Buddy Holly.

— Quem diabo é esse?

Priest cantou: — *I love you, Peggy Sue...* Morreu antes de tu nasceres, Mario. Gostava mais dele que do Elvis. E não me perguntes quem era o Elvis.

— E guiavas esse caminho todo só por minha causa?

Priest pensou, ansioso, se Mario sentiria alguma suspeita ou se estava apenas grato. — Claro que sim — afirmou. — Desde que me deixes fumar os teus *Marlboros*.

Mario abanou a cabeça num espanto fingido. — És um gajo do caraças, Ricky. Mas não sei.

Portanto, não tinha suspeitas, mas estava apreensivo e, provavelmente, não o podia forçar a tomar uma decisão. Priest disfarçou a frustração com um ar despreocupado. — Bem, pensa nisso.

— Se alguma coisa correr mal, não quero perder o meu emprego.

— Tens razão. — Lutou contra a impaciência. — Sabes uma coisa, falamos disto mais tarde. Hoje à noite vais ao bar?

— Claro.

— Então, dizes-me nessa altura.

— OK, está combinado.

O rádio emitiu o bipe a avisar que estava tudo bem, e Mario puxou a alavanca que erguia a placa do solo.

— Tenho de voltar para a equipa dos *jarros* — anunciou Priest. — Temos uns quantos quilómetros de cabos para enrolar antes do anoitecer. — Devolveu a foto de família e abriu a porta. — Sempre te digo, pá, se eu tivesse uma miúda assim tão gira, não saía da porcaria da casa. — Sorriu, saltou para o chão e bateu com a porta.

O camião avançou para a bandeirola seguinte, enquanto Priest se afastava, as botas de *cowboy* a levantar o pó.

Ao seguir o *sendero* em direção ao local onde estacionara o carro, viu Star começar a andar de um lado para o outro, impaciente e ansiosa.

Em tempos fora famosa, por pouco tempo. No auge da era *hippie* vivia no bairro de Haight-Ashbury, em São Francisco. Nessa altura, Priest não a conhecia — passara o final dos anos sessenta a ganhar o seu primeiro milhão de dólares —, mas ouvira as histórias. Fora uma beleza estonteante, alta e de cabelo negro, o corpo generoso em forma de ampulheta. Gravara um disco a recitar poesia com música psicadélica de fundo, com uma banda chamada Raining Fresh Daisies. O álbum tivera algum sucesso, e Star fora célebre por alguns dias.

Todavia, o que a transformara numa lenda fora a sua promiscuidade sexual insaciável. Tivera sexo com quem quer que lhe tivesse despertado brevemente o interesse: miúdos ansiosos de doze anos, homens surpresos com sessenta e tal anos, rapazes que pensavam ser homossexuais e raparigas que não sabiam que eram lésbicas, amigos que conhecia havia anos e estranhos engatados na rua.

Tudo isso se passara havia muitos anos. Agora, faltavam algumas semanas para fazer cinquenta, e tinha madeixas grisalhas no cabelo. O corpo era ainda bem feito, mas já não lembrava uma ampulheta: pesava oitenta quilos. Continuava, porém, a exercer um extraordinário magnetismo sexual. Quando entrava num bar, todos os homens a miravam.

Mesmo naquele momento, irritada e cheia de calor, a forma como caminhava e se virava junto à velha carripa tinha algo de sexualmente excitante, um convite no movimento do corpo sob o fino vestido de algodão, e Priest teve vontade de a agarrar logo ali.

— O que é que aconteceu? — perguntou assim que ele a conseguia ouvir.

Priest era sempre otimista. — 'Tá a ir bem — declarou.

— Isso é mau — comentou ela com ceticismo. Sabia muito bem que não devia acreditar em tudo o que ele dizia.

Ele explicou-lhe a oferta que fizera a Mario. — E o melhor é que lhe vão pôr as culpas — acrescentou.

— Como assim?

— Pensa lá. Ele chega a Lubbock, procura-me, eu não estou lá e o camião também não. Vê logo que foi enganado. Que faz ele? Segue para Clovis e diz à companhia que o camião desapareceu? Não creio. Seria, no mínimo, despedido. Na pior das hipóteses, podia ser acusado de roubar o camião e atirado para a prisão. Aposto que nem sequer vai a Clovis. Volta imediatamente para o avião, voa para El Paso, enfia a mulher e os filhos no carro e desaparece. Nesse caso, a polícia tem a certeza de que ele roubou mesmo o camião, e ninguém suspeitará sequer de Ricky Granger.

Ela franziu a testa. — É um bom plano, mas será que ele vai morder o isco?

— Acho que sim.

Ela ficou ainda mais ansiosa e deu uma palmada no tejadilho sujo do carro. — Merda, temos de conseguir a porcaria do camião!

Priest estava tão preocupado quanto ela, mas disfarçava com uma atitude convencida. — E vamos conseguir — affiançou-lhe. — Se não for desta forma, será de outra.

Star pôs o chapéu de palha e recostou-se no carro, fechando os olhos. — Quem me dera ter a certeza.

Ele afagou-lhe a face. — Quer boleia, minha senhora?

— Sim, por favor. Leve-me para o meu quarto do hotel com ar condicionado.

— Tem de pagar o preço.

Ela abriu muito os olhos, fingindo inocência. — Terei de fazer alguma maldade, senhor?

Ele enfiou-lhe a mão no decote. — Sim.

— Ora bolas — disse ela, levantando a saia do vestido até à cintura.

Não trazia roupa interior.

Priest sorriu e desabotoou as *Levi's*.

— Que pensará o Mario se nos vir? — perguntou ela.

— Ficaré com ciúmes — afirmou ele ao penetrá-la. Eram quase da mesma altura e encaixavam um no outro com a facilidade de uma longa prática.

Ela beijou-o na boca.

Passado um momento, ele ouviu um veículo a aproximar-se. Olharam ambos sem interromperem o que estavam a fazer. Era uma *pick-up* com três temporários no banco da frente. Os homens conseguiam ver o que se passava e berraram e deram vivas pela janela aberta ao passarem.

Star acenou-lhes, bradando: — Olá, rapazes!

Priest riu-se com tanta vontade que se veio.

A crise entrara na última fase, a decisiva, exatamente três semanas antes.

Estavam sentados à comprida mesa da cozinha, a tomar a refeição do meio-dia, um guisado bem condimentado de lentilhas e vegetais, acompanhado com pão acabado de cozer, quando Paul Beale entrou com um envelope na mão.

Paul engarrafava o vinho que a comuna de Priest produzia, mas fazia mais que isso. Era a ligação ao mundo exterior, que lhes

permitia contactar com o mundo, mas mantê-lo ao longe. Um homem careca e de barba com um blusão de cabedal, era amigo de Priest desde os catorze anos, quando ambos não passavam de uns rufias que roubavam bêbedos em Skid Row, em Los Angeles, no início dos anos sessenta.

Priest calculou que Paul recebera a carta naquela manhã e se metera imediatamente no carro, dirigindo-se ali vindo de Napa. Também calculou o que dizia a carta, mas esperou que Paul explicasse.

— É do Departamento de Gestão do Território — principiou Paul. — Vem dirigida a Stella Higgins. — Entregou-a a Star, sentada ao fundo da mesa, de frente para Priest. Era aquele o seu nome verdadeiro, sob o qual alugara aquele pedaço de terra ao Ministério do Interior, no outono de 1969.

Em volta da mesa, calaram-se todos, incluindo os miúdos, que sentiam a atmosfera de medo e de consternação.

Star rasgou o envelope e tirou uma folha, que leu rapidamente. — Dia 7 de junho — declarou.

— Daqui a cinco semanas e dois dias — calculou Priest. Fazia automaticamente aquele tipo de contas.

Várias pessoas gemeram de desespero. Uma mulher de nome Song² começou a chorar baixinho. Um dos filhos de Priest, Ringo, de dez anos, perguntou: — Porquê, Star³, porquê?

Priest cruzou o olhar com o de Melanie, a última a chegar. Era uma mulher magra e alta de vinte e oito anos, de grande beleza: a pele pálida, cabelos compridos cor de pimentão e um corpo de modelo. Dusty, o filho de cinco anos, sentava-se a seu lado. — Que foi? — perguntou Melanie numa voz chocada. — Que se passa?

Todos os outros sabiam que aquilo ia acontecer, mas era demasiado deprimente e não se comentava. Ainda não lhe tinham contado.

Priest explicou-lhe: — Temos de deixar o vale. Lamento, Melanie.

² Alguns membros da comuna adotaram outros nomes que não os verdadeiros. Neste caso, Canção, em português. (NT)

³ Estrela, em português. (NT)

Ela leu a carta: — A parcela de terra acima mencionada será perigosa para habitação humana após o dia 7 de junho. Assim, o seu arrendamento finda pela presente nessa data, de acordo com a cláusula nove, parte B, parágrafo dois, do seu contrato de arrendamento.

Melanie levantou-se. A sua pele branca tingiu-se de vermelho, e o rosto bonito retorceu-se numa súbita expressão de raiva. — Não! — gritou. — Não! Não me podem fazer isto. Acabei de vos encontrar! Não acredito nisto, é mentira. — Canalizou a sua fúria contra Paul. — Mentiroso! — berrou. — Seu mentiroso de merda!

O filho começou a chorar.

— Ei, para com isso! — exclamou Paul, indignado. — Eu sou apenas o carteiro!

Toda a gente começou a gritar ao mesmo tempo.

Priest alcançou Melanie em dois passos. Rodeou-a com o braço e falou-lhe baixinho ao ouvido. — Estás a assustar o Dusty — disse-lhe. — Senta-te, vá lá. Tens razão em estares zangada, estamos todos furiosos.

— Diz-me que não é verdade — implorou ela.

Priest empurrou-a suavemente para a cadeira. — É verdade, Melanie, é verdade — disse-lhe.

Depois de todos se acalmarem, Priest propôs: — Vá lá, malta, vamos lavar a loiça e voltar ao trabalho.

— Por que diabo? — quis saber Dale, que era o vinhateiro. Sem ser um dos fundadores, chegara ali nos anos oitenta, desiludido com o mundo materialista. Depois de Priest e Star, era a pessoa mais importante do grupo. — Não estaremos aqui para a colheita — prosseguiu. — Temos de partir dentro de cinco semanas. Para quê trabalhar?

Priest fixou-o com o Olhar, a sua forma fixa de olhar que intimidava todos exceto as pessoas com maior força de ânimo. Deixou que se fizesse silêncio na sala para que todos pudessem ouvir. Por fim disse: — Porque os milagres acontecem.

Uma lei local proibia a venda de bebidas alcoólicas na cidade de Shiloh, no Texas, mas mesmo do outro lado do limite urbano havia um bar chamado Doodlebug, com imperiais baratas, uma banda de música *country-western* e criadas de *jeans* apertados e botas de *cowboy*.

Priest foi lá sozinho. Não quis que Star se mostrasse e se arriscasse a ser reconhecida mais tarde. Preferia que ela não tivesse vindo para o Texas, mas precisava de alguém que o ajudasse a levar o vibrador sísmico para casa. Iam guiar dia e noite, alternando ao volante e tomando drogas para permanecerem acordados. Queriam chegar a casa antes de alguém dar por falta da máquina.

Lamentava já a falta de discrição daquela tarde. Mario vira Star a uma distância de uns quatrocentos metros, e os três temporários da *pick-up* tinham-na avistado de passagem, mas ela tinha um aspeto singular e eles podiam provavelmente fazer uma descrição grosseira dela: uma mulher branca, alta, pesada, de cabelo escuro comprido...

Priest alterara o seu aspeto antes de chegar a Shiloh. Deixara crescer uma barba cerrada e um bigode e entrançara o cabelo comprido numa trança apertada, que mantinha escondida debaixo do chapéu.

Todavia, se tudo corresse conforme o seu plano, ninguém iria pedir descrições dele nem de Star.

Quando chegou ao Doodlebug, Mario já lá estava, sentado a uma mesa com cinco ou seis elementos da equipa dos *jarros* e o chefe do grupo, Lenny Petersen, que controlava toda a brigada da exploração sísmica.

Para não parecer demasiado ansioso, pediu uma *Lone Star* das grandes e ficou no bar um bocado, a beber a cerveja pela garrafa e a conversar com a empregada antes de se juntar à mesa de Mario.

Lenny era um homem quase careca e de nariz vermelho. Fora ele quem dera o emprego a Priest, dois fins de semana antes. Passara uma noite no bar, a beber com moderação, a ser simpático com a equipa, aprendendo uns quantos exemplos de gíria própria da exploração sísmica e rindo-se calorosamente das piadas de Lenny. Na manhã seguinte, fora ter com ele ao escritório de campo e pedira-lhe emprego. — Ficas à experiência — disse-lhe o outro.

Priest não precisava de mais nada.

Era um trabalhador esforçado, rápido a aprender e com quem era fácil de lidar e, passados alguns dias, foi aceite como membro permanente da equipa.

Agora, ao sentar-se, Lenny disse no seu sotaque lento do Texas: — Portanto, Ricky, não vens connosco para Clovis.

— Pois não — confirmou ele. — Gosto tanto do tempo aqui que não quero ir-me embora.

— Bem, só gostava de dizer com toda a sinceridade que foi um verdadeiro privilégio e um prazer conhecer-te, mesmo por tão pouco tempo.

Os outros sorriram. Aquele tipo de gracejos era habitual, e olharam para Priest à espera de uma réplica.

Este fez uma cara solene e disse: — Lenny, és tão querido e tão amoroso que te vou perguntar mais uma vez. Queres casar comigo?

Riram-se todos, e Mario deu umas palmadas nas costas de Priest.

Lenny aparentou uma certa confusão e respondeu: — Sabes que não posso casar contigo, Ricky. E já te disse porquê. — Interrompeu-se para dar mais efeito às suas palavras e todos se inclinaram para a frente para não perderem a piada. — Sou lésbica.

Partiram-se a rir às gargalhadas. Priest fez um sorriso dorido, reconhecendo a derrota, e mandou vir um jarro de cerveja para a mesa.

A conversa centrou-se no baseball. A maior parte deles gostava dos Houston Astros, mas Lenny vinha de Arlington e era adepto dos Texas Rangers. Priest não se interessava por desporto e, portanto, esperou, impaciente, juntando-se de vez em quando à conversa com um comentário neutro. Estavam todos muito bem-dispostos. O trabalho fora completado a tempo, haviam sido todos bem pagos e era sexta-feira à noite. Priest bebia lentamente a sua cerveja. Nunca bebia muito, detestava perder o controlo. Observou Mario a emborcar a cerveja. Quando Tammy, a empregada de mesa, trouxe outro jarro, Mario mirou-lhe com desejo os seios, escondidos pela camisa aos quadrados. *Continua a desejar, Mario. Amanhã à noite podias estar deitado com a tua mulher.*

Passada uma hora, Mario foi à casa de banho.

Priest seguiu-o. *Que se lixe toda esta espera. Chegou a hora de decidir.*

Postou-se ao lado de Mario e declarou: — Acho que hoje a Tammy traz roupa interior preta.

— Como é que sabes?

— Dei uma olhadela quando ela se inclinou sobre a mesa. Adoro um sutiã com rendas.

Mario suspirou.

Priest insistiu: — Gostas de uma mulher com roupa interior preta?

— Vermelha — respondeu Mario sem hesitar.

— Sim, a vermelha também é bonita. Dizem que é um sinal de que uma mulher te deseja mesmo, quando veste roupa interior vermelha.

— A sério? — O hálito a cerveja de Mario tornou-se mais rápido.

— Sim, ouvi dizer isto num sítio qualquer. — Priest abotoou-se. — Escuta, tenho de me ir embora. A minha gaja está à espera no motel.

Mario sorriu e limpou o suor da testa. — Esta tarde vi-te com ela, pá.

Priest abanou a cabeça, num arrependimento fingido. — É a minha fraqueza. Não consigo dizer não a uma cara bonita.

— Estava a fazer *aquilo*, ali mesmo no meio da estrada!

— Pois estava. Bem, quando já não vemos a nossa gaja há uns tempos, ela fica assim um bocado frenética, sabes a que me refiro?

— *Vá lá, Mario, morde lá o isco!*

— Pois sei. Escuta, em relação a amanhã...

Priest susteve a respiração.

— Hã, se ainda quiseres fazer a coisa como disseste...

Sim! Sim!

— Vamos a isso.

Resistiu à tentação de o abraçar.

Mario perguntou, ansioso: — Ainda queres, não é?

— Claro que sim. — Ao saírem da casa de banho, passou um braço em volta dos ombros do outro. — Então, para que servem os amigos? Sabes o que quero dizer.

— Obrigado, pá. — Havia lágrimas nos olhos de Mario. — És um gajo porreiro, Ricky.

Lavaram as tigelas de barro e as colheres de madeira numa grande tina de água quente e secaram-nas num pano feito de uma velha camisa de trabalho. Melanie disse a Priest:

— Bom, começamos de novo noutra sítio qualquer! Arranjamos um pedaço de terra, construímos cabanas de madeira, plantamos vinhas, fazemos vinho. Por que não? Foi o que tu fizeste há tantos anos.

— Pois é — concordou ele. Guardou a tigela numa prateleira e atirou a colher para a caixa. Por um momento, sentiu-se de novo jovem, forte como um potro, cheio de uma energia sem limites, certo de que conseguiria resolver todos os problemas com que a vida o confrontasse a seguir. Recordou-se dos cheiros únicos desses tempos: da madeira acabada de serrar, do corpo jovem de Star, a suar enquanto cavava, do odor próprio da marijuana cultivada numa clareira dos bosques, da doçura estonteante das uvas ao serem pisadas. Depois regressou ao presente e sentou-se à mesa.

— Há tantos anos — repetiu. — Arrendámos esta terra ao governo por uma ninharia, e eles esqueceram-se de nós.

Star interveio: — Nem um único aumento de renda em vinte e nove anos.

Priest prosseguiu: — Desbravámos a floresta com o trabalho de trinta ou quarenta jovens prontos a trabalharem de graça, doze a catorze horas por dia, em nome de um ideal.

Paul Beale sorriu. — Ainda me doem as costas quando penso nisso.

— Arranjámos as videiras de graça de um simpático produtor do vale de Napa, que queria encorajar os jovens a fazerem algo de construtivo em vez de estarem sentados todo o dia a consumir drogas.

— O velho Raymond Dellavalle — lembrou Paul. — Já morreu, que Deus o tenha.

— E, o que era mais importante, estávamos dispostos e tínhamos força para viver no limiar da pobreza, meio mortos de fome, a dormir no chão, com buracos nos sapatos, durante cinco longos anos, até termos a nossa primeira produção para venda.

Star pegou num bebê que gatinhava, limpou-lhe o nariz e disse: — E não tínhamos miúdos com que nos preocuparmos.

— Pois não — concordou Priest. — Se conseguíssemos reproduzir todas essas condições, podíamos começar de novo.

Melanie não se mostrou satisfeita. — Tem de haver uma forma!

— Bem, até há — disse Priest. — Foi o Paul quem pensou nela.

Este assentiu. — Podíamos fundar uma firma, pedir um quarto de milhão de dólares emprestados a um banco, contratar mão de obra e transformarmo-nos em mais um bando de capitalistas gananciosos a conferir as margens de lucro.

— E isso — interveio Priest — era o mesmo que desistir.

No sábado de manhã em Shiloh, ainda era escuro quando Priest e Star se levantaram. Ele foi buscar café ao restaurante barato ao lado do motel. Quando voltou, Star observava atentamente um atlas de estradas à luz do candeeiro da mesinha de cabeceira. — Deves deixar o Mario no aeroporto internacional de San Antonio por volta das nove e meia, dez horas da manhã — informou-o. — Depois tens de sair da cidade pela Interestadual 10.

Priest não olhou para o atlas. Os mapas confundiam-no. Podia seguir as indicações para a I-10. — Onde é que nos encontramos?

Star fez uns cálculos. — Devo estar cerca de uma hora à tua frente. — Pousou o dedo num ponto da página. — Há um sítio chamado Leon Springs na I-10 a cerca de quinze minutos do aeroporto. Estaciono onde possas ver o carro com facilidade.

— Parece-me bem.

Sentiam-se tensos e excitados. Roubar o camião de Mario era apenas o primeiro passo do plano, mas era crucial: tudo o mais dependia disso.

Star preocupava-se com os detalhes práticos. — Que fazemos com o *Honda*?

Priest comprara o carro havia três semanas por mil dólares em dinheiro. — Vai ser difícil de vender. Se virmos um *stand* de carros

usados, talvez nos deem quinhentos por ele. Se não, arranjamos um sítio com árvores junto à interestadual e largamo-lo lá.

— Podemos dar-nos a esse luxo?

— O dinheiro torna-nos pobres. — Priest citava um dos Cinco Paradoxos de Baghram, o guru por quem se guiavam.

Sabia quanto dinheiro tinham até ao último cêntimo, mas mantinha todos os outros na ignorância. A maior parte dos membros da comuna nem sequer suspeitava que havia uma conta num banco, e absolutamente ninguém tinha conhecimento do dinheiro de emergência, dez mil dólares em notas de vinte, colados com fita à parte interior de uma velha guitarra acústica pendurada de um prego numa parede da sua cabana.

Star encolheu os ombros. — Nunca me preocupei com isso em vinte e cinco anos, portanto acho que não vou começar agora. — Tirou os óculos de leitura.

Priest sorriu-lhe. — Ficas gira com os óculos.

Ela lançou-lhe um olhar enviesado e fez-lhe uma pergunta inesperada. — Estás com saudades da Melanie?

Priest e Melanie eram amantes.

Ele pegou-lhe na mão. — Claro — respondeu.

— Gosto de te ver com ela. Faz-te feliz.

Uma súbita recordação de Melanie surgiu-lhe no espírito: estava deitada de barriga para baixo na cama dele, a dormir, e os raios oblíquos do sol matinal entravam na cabana. Ele estava sentado a bebericar café, a olhar para ela, admirando a textura da sua pele branca, a curva do seu traseiro perfeito, a forma como o longo cabelo ruivo se espalhava numa meada emaranhada. Daí a pouco ela sentiria o cheiro a café e virar-se-ia, abriria os olhos e, então, ele voltava a enfiar-se na cama e fazia amor com ela. De momento, porém, desfrutava da expectativa, planeando como a iria tocar e excitar, saboreando aquele momento delicioso como um copo de bom vinho.

A visão desfez-se, e viu o rosto de Star, com os seus quarenta e nove anos, naquele motel barato do Texas. — Não te sentes infeliz por causa da Melanie, pois não? — perguntou.

— O casamento é a maior das infidelidades — disse ela, citando outro dos Paradoxos.

Ele assentiu. Nunca tinham pedido um ao outro que fossem fiéis. No passado fora Star quem desprezara a ideia de se entregar a um só amante. Em seguida, depois de ela ter feito trinta anos e de ter acalmado, Priest testara a sua permissividade, pavoneando uma série de raparigas na sua frente. Mas nos últimos anos, embora continuassem a acreditar no princípio do amor livre, nenhum deles se aproveitara, de facto, disso.

Portanto, para Star, Melanie fora como uma espécie de choque. Mas não fazia mal. Fosse como fosse, a sua relação com ele era demasiado estável. Priest não gostava que ninguém sentisse que podia prever o que ia fazer. Amava Star, mas a mal disfarçada ansiedade no olhar dela dava-lhe uma agradável sensação de controlo.

Ela brincou com o copo de esferovite do café.

— Só gostava de saber o que a Flower⁴ sente em relação a isso tudo. — Flower era a filha de ambos, de treze anos, a criança mais velha da comuna.

— Ela não cresceu numa família nuclear — lembrou-lhe ele. — Não a transformámos numa escrava das convenções burguesas. É para isso que serve uma comunidade.

— Pois é — concordou Star, mas não era suficiente. — Só não quero que ela te perca, mais nada.

Ele afagou-lhe a mão. — Isso não vai acontecer.

Ela apertou-lhe os dedos. — Obrigada.

— Temos de ir — lembrou ele, levantando-se.

Os poucos pertences foram guardados em três sacos de plástico. Priest pegou-lhes e levou-os para o *Honda*, seguido de Star.

Tinham pago a conta na noite anterior. O escritório estava fechado, e ninguém viu Star sentar-se ao volante e arrancar à luz cinzenta da alvorada.

Shiloh era uma cidadezinha com duas ruas e um semáforo onde ambas se cruzavam. Àquela hora de sábado, não se viam muitos veículos, e Star passou o sinal vermelho, saindo da cidade. Chegaram à lixeira uns minutos antes das seis.

⁴ Flor, em português. (NT)

Não havia qualquer sinal junto à estrada, nenhuma sebe ou portão, apenas um trilho onde a artemísia fora esmagada pelos pneus das *pick-ups*. Star seguiu o trilho que subia ligeiramente. A lixeira situava-se num baixio, escondida da estrada. Encostou ao lado de um monte de lixo a fumar. Não havia sinal de Mario nem do vibrador sísmico.

Priest via bem que Star continuava perturbada. Tinha de a sossegar, pensou, preocupado. Ela não podia distrair-se logo num dia daqueles. Se alguma coisa corresse mal, tinha de estar alerta e concentrada.

— A Flower não me vai perder — assegurou-lhe.

— Ainda bem — respondeu ela à cautela.

— Vamos ficar juntos, nós os três. E sabes porquê?

— Diz-me.

— Porque nos amamos.

Viu o alívio afastar-lhe a tensão do rosto, enquanto ela tentava não chorar. — Obrigada — agradeceu ela.

Priest sentiu-se tranquilizado. Dera-lhe aquilo de que ela precisava, e Star ia ficar bem.

Beijou-a. — O Mario vai chegar não tarda nada. Agora põe-te a andar. Faz uns bons quilómetros.

— Não queres que eu espere até ele chegar?

— Ele não pode ver-te ao perto. Não sabemos o que nos reserva o futuro, e não quero que ele seja capaz de te identificar.

— OK.

Saiu do carro.

— Eh — disse ela —, não te esqueças do café do Mario. — E passou-lhe o saco de papel.

— Obrigado. — Pegou no saco e bateu com a porta.

Ela deu a volta num círculo amplo e afastou-se rapidamente, os pneus levantando uma nuvem de pó do deserto do Texas.

Priest olhou em redor. Achava espantoso que uma cidade tão pequena pudesse criar tanto lixo. Viu bicicletas retorcidas e carrinhos de bebé com aspeto de novos, sofás manchados e frigoríficos antiquados e pelo menos dez carrinhos de supermercado. O local era um amontoado de embalagens: caixas de papelão de

aparelhagens de som, pedaços de embalagens de poliestireno leve que faziam lembrar esculturas abstratas, sacos de papel e de polietileno e papel de alumínio, e um exército de recipientes de plástico que tinham contido substâncias que Priest nunca usara: produtos para enxaguar, creme hidratante, condicionador, amaciador, *toner* para *faxes*. Viu um castelo de conto de fadas feito de plástico cor-de-rosa, certamente um brinquedo, e espantou-se com a extravagância e o desperdício de uma construção tão elaborada.

No vale do rio Silver nunca havia muito lixo. Não usavam carinhos de bebê nem frigoríficos e raramente compravam algo que necessitasse de embalagem. As crianças usariam a imaginação para fazer um castelo de conto de fadas a partir de uma árvore, um barril ou uma pilha de madeira.

Um Sol nublado e vermelho espreitou acima da crista, lançando uma longa sombra do corpo de Priest sobre uma armação de cama ferrugenta. Recordou-se do nascer do Sol sobre os cumes nevados da Sierra Nevada e sentiu uma pontada de saudades do ar puro e fresco da montanha.

Em breve, em breve.

A seus pés brilhou qualquer coisa. Um objeto de metal cintilante meio enterrado no solo. Sem mais nada para fazer, raspou a terra seca com a ponta da bota, curvou-se e apanhou o objeto. Era uma pesada chave-inglesa *Stillson*. Parecia nova. Pensou que Mario talvez a achasse útil, tinha o tamanho certo para a maquinaria de grande escala do vibrador sísmico. O camião, porém, devia ter uma caixa de ferramentas completa, com chaves próprias para cada porca usada na sua construção. Não ia precisar de uma que fora deitada fora. Era assim a sociedade do desperdício.

Priest deixou-a cair.

Ouviu um veículo, mas que não lhe pareceu um camião, e olhou. Passado um momento, uma *pick-up* amarelada surgiu no topo da colina, balançando ao longo do trilho acidentado. Era uma *Dodge Ram* com o para-brisas rachado: o carro de Mario. Priest sentiu uma ponta de inquietação. Que queria dizer aquilo? Mario devia ter vindo no vibrador sísmico. O carro dele seria levado para norte

por um dos seus colegas, a não ser que tivesse decidido vendê-lo ali e comprar outro em Clovis. Qualquer coisa tinha corrido mal.

— Merda! — soltou. — Merda!

Controlou a raiva e a frustração quando Mario encostou e saiu da *pick-up*. — Trouxe-te café — declarou, entregando-lhe o saco de papel. — Que se passa?

Mario não abriu o saco, abanando tristemente a cabeça. — Não posso fazer aquilo, pá.

Merda!

Mario prosseguiu: — Agradeço-te muito o que te ofereceste pra fazer por mim, mas tenho de dizer que não.

Que diabo se passa?

Priest rangeu os dentes e tentou que a voz soasse natural. — Que aconteceu para mudares de opinião, amigo?

— Depois de teres saído do bar ontem à noite, o Lenny pregou-me um sermão, pá, sobre o preço do camião e sobre como não devo levar ninguém nem dar boleias e sobre como confia em mim e merdas destas.

Estou mesmo a imaginar o Lenny, aquele cara de cu bêbedo e piegas, aposto que quase te fez chorar, Mario, meu idiota de um filho da mãe.

— Sabes como é, Ricky, este emprego é bom. Trabalho duro e muitas horas, mas a massa é bastante boa. Não o quero perder.

— Pronto, não há problema — descansou-o Priest com uma ligeireza forçada. — Desde que sempre me possas levar até San Antonio. — *Entre aqui e lá hei de pensar nalguma coisa.*

Mario abanou a cabeça. — É melhor não, depois do que disse o Lenny. Não vou levar ninguém a lado nenhum naquele camião. Foi por isso que trouxe o meu carro, pra te levar prà cidade.

E que hei de eu fazer agora, por amor de Deus?

— Portanto, hã... que me dizes, vamos andando?

E depois?

Priest construía castelos no ar e via-os agora tremeluzir e desfazer-se sob a brisa leve da consciência culpada de Mario. Passara duas semanas naquele deserto quente e poeirento, a trabalhar num emprego estúpido e inútil, e desperdiçara centenas de dólares em viagens de avião, contas de motéis e *fast-food* nojenta.

Não tinha tempo de voltar ao princípio.
O prazo acabava dentro de duas semanas e um dia.
Mario franziu a testa. — Anda lá, pá, vamos embora.

— Não vou abrir mão deste sítio — dissera Star a Priest no dia em que a carta chegara. Estava sentada ao lado dele sobre um manto de caruma na berma da vinha, durante o período de descanso do meio da tarde, a beber água e a comer passas feitas com as uvas do ano anterior. — Isto não é só uma vinha, não é só um vale, nem só uma comuna... é toda a minha vida. Viemos para aqui há tantos anos porque acreditávamos que os nossos pais tinham criado uma sociedade pervertida, corrupta, envenenada. E tínhamos razão, por amor de Deus! — O rosto corou ao extravasar a paixão que sentia, e Priest pensou como ainda era bonita. — Olha só para o mundo lá fora — disse ela, erguendo a voz. — Violência, fealdade e poluição, presidentes que mentem e infringem a lei, motins, crime e pobreza. Entretanto, nós vivemos aqui, ano após ano, sem dinheiro, sem invejas sexuais, sem regras conformistas. Dissemos que só precisávamos de amor e chamaram-nos ingénuos, mas tínhamos razão e eles não. Sabemos que descobrimos a melhor forma de viver e provámo-lo. — A sua voz adquirira um tom formal, revelando as suas origens endinheiradas. O pai era oriundo de uma família rica, mas passara a vida num bairro pobre a trabalhar como médico. Star herdara o seu idealismo. — Farei tudo para salvar o nosso lar e a nossa forma de vida — prosseguiu. — Morrerei por isso, se os nossos filhos puderem continuar a viver aqui.

A sua voz sossegou, mas as palavras eram claras e falava com uma determinação implacável. — E também matarei — declarou. — Percebes o que quero dizer, Priest? Farei não importa o quê.

— Estás a ouvir? — perguntou Mario. — Queres boleia para a cidade ou não?

— Claro — retorquiu Priest. *Claro, seu medricas de merda, seu cobardolas traidor, seu monte de trampa, claro que quero boleia.*

Mario virou-se.

O olhar de Priest caiu na chave-inglesa que mandara para o chão alguns minutos antes.

No seu espírito desenrolou-se um novo plano totalmente desenvolvido.

Enquanto Mario dava três passos até ao carro, Priest baixou-se e pegou na chave.

Tinha cerca de quarenta e cinco centímetros de comprimento e pesava uns bons dois quilos. A maior parte do peso concentrava-se no extremo operacional, com os seus dentes ajustáveis para agarrar enormes porcas hexagonais. Era feita de aço.

Olhou de relance para o trilho que levava à estrada. Não havia ninguém à vista.

Nenhuma testemunha.

Deu um passo em frente no momento exato em que Mario estendia a mão para abrir a porta da *pick-up*.

Teve uma súbita visão desconcertante: a fotografia de uma bonita mexicana com um vestido amarelo, uma criança ao colo e outra a seu lado. Por uma fração de segundo, a sua decisão vacilou ao sentir o peso esmagador da dor que ia infligir às suas vidas.

Em seguida, teve uma visão pior: um lago de água negra subindo lentamente e inundando uma vinha, afogando os homens, mulheres e crianças que cuidavam das videiras.

Correu para Mario, erguendo a chave-inglesa acima da cabeça.

Mario abria a porta da carrinha. Devia ter visto algo pelo canto do olho, pois, quando Priest quase o alcançara, soltou de súbito um urro de medo e escancarou a porta, protegendo-se parcialmente. Priest embateu na porta, que balançou contra Mario. Era uma porta larga e pesada, e este foi atirado de lado. Ambos tropeçaram. Mario escorregou e caiu de joelhos, virado para a lateral da *pick-up*.

O seu boné de baseball dos Houston Astros caiu no chão. Priest caiu para trás e sentou-se pesadamente na terra pedregosa, deixando cair a chave, que aterrou numa garrafa de plástico de dois litros de *Coca-Cola* e ressaltou para mais de um metro.

Mario arfou: — Seu louco... — Apoiou-se num joelho e estendeu a mão para um suporte a fim de soerguer o corpo pesado. A mão esquerda fechou-se sobre a armação da porta. Enquanto se levantava com esforço, Priest, ainda sentado no chão, encolheu a perna e, com o calcanhar da bota, deu um pontapé na porta com quanta força tinha. Esta embateu violentamente nos dedos de Mario e voltou a abrir-se. Mario gritou de dor e caiu sobre um joelho, afundando-se contra a lateral da *pick-up*.

Priest pôs-se de pé num salto.

A chave-inglesa brilhava, prateada, ao sol matinal. Agarrou-a rapidamente. Olhou para Mario, e o seu coração encheu-se de raiva e de ódio contra o homem que dera cabo do seu meticuloso plano e punha em risco a sua forma de vida. Aproximou-se dele e ergueu a chave.

Mario virou-se parcialmente para ele. A expressão do seu rosto jovem exibía uma desorientação enorme, como se não compreendesse o que estava a acontecer. Abriu a boca e, no momento em que Priest baixava a chave, articulou em tom interrogativo: — Ricky...?

A extremidade pesada da chave causou um baque horrível ao esmagar a cabeça de Mario. O seu cabelo escuro era espesso e brilhante, mas isso não fez qualquer diferença. O escalpe rasgou-se, o crânio rachou, e a chave-inglesa enterrou-se nos miolos macios.

Mas não morreu.

Priest começou a ter medo.

Os olhos de Mario permaneciam abertos e focados nele. A expressão confusa de quem fora traído mal se alterou. Parecia estar a tentar terminar o que começara a dizer. Ergueu uma mão, como se quisesse chamar a atenção de alguém.

Assustado, Priest deu um passo atrás. — Não! — exclamou.

Mario disse: — Pá...

O pânico apoderou-se de Priest. Ergueu de novo a chave. — Morre, cabrão! — gritou e bateu de novo em Mario.

Desta vez, a chave enterrou-se mais, e retirá-la foi como extrair um objeto imerso em lama mole. Priest sentiu uma onda de náusea ao ver a matéria cinzenta ainda viva espalhada nos dentes ajustáveis da ferramenta. O estômago deu uma volta, e engoliu em seco, sentindo-se tonto.

Mario caiu lentamente para trás e ficou encostado ao pneu traseiro, imóvel. Os braços amoleceram, e o maxilar perdeu a força, mas continuou vivo. O seu olhar ficou preso no de Priest. Da cabeça jorrava sangue, que lhe escorria pela cara e penetrava pelo colarinho aberto da camisa aos quadrados. O seu olhar aterrorizava Priest.

— Morre — implorou este. — Por amor de Deus, Mario, morre por favor.

Nada aconteceu.

Priest recuou. Parecia que os olhos de Mario lhe imploravam que acabasse com aquilo, mas não conseguia bater-lhe outra vez. Não era nada lógico, mas não conseguia erguer a chave-inglesa.

Nesse momento, Mario moveu-se. A boca abriu-se, o corpo ficou rígido, e um grito sufocado de agonia soltou-se-lhe da garganta.

Aquilo fez Priest perder as estribeiras, e também ele gritou. Depois correu para Mario e bateu-lhe sem parar no mesmo sítio, mal enxergando a sua vítima por entre a névoa de terror que lhe embaciava a vista.

Os gritos pararam, e o ataque passou.

Priest deu um passo atrás, deixando cair a chave no chão.

O cadáver de Mario tombou lentamente de lado até que o destroço que fora a sua cabeça bateu no chão. Os miolos cinzentos foram-se infiltrando na terra seca.

Priest caiu de joelhos e fechou os olhos. — Senhor Todo-Poderoso, perdoai-me — pediu.

Ficou ali ajoelhado, a tremer. Receava que, se abrisse os olhos, visse a alma de Mario subir aos céus.

Para acalmar o espírito, recitou o seu mantra: *Ley, tor, pur-doy-kor*. Não tinha significado, razão pela qual ao concentrar-se nele produzia um efeito calmante. Tinha o ritmo de uma canção infantil de que se recordava da sua infância:

*One, two, three-four-five
Once I caught a fish alive
Six, seven, eight-nine-ten
Then I let him go again.*⁵

Quando cantarolava para si próprio, era habitual passar do mantra aos versos, mas o resultado era praticamente o mesmo.

Enquanto as sílabas familiares o acalmavam, pensou na forma como o ar lhe entrava nas narinas, descia as vias aéreas até ao fundo da boca, passava pela garganta e lhe chegava ao peito, acabando por penetrar nas ramificações mais afastadas dos pulmões, antes de repetir toda aquela viagem ao contrário: pulmões, garganta, boca, nariz, narinas e de novo solto no ar livre. Quando se concentrava profundamente na viagem da respiração, nada mais lhe subia à cabeça, nem visões, nem pesadelos, nem recordações.

Levantou-se passados alguns minutos, o coração frio, o rosto exibindo uma expressão resoluta. Expurgara toda a emoção e não sentia nem arrependimento nem pena. O assassínio pertencia ao passado, e Mario não passava de um bocado de lixo que tinha de deitar fora.

Pegou no chapéu de *cowboy*, limpou-lhe o pó e pô-lo na cabeça.

Encontrou a caixa de ferramentas da *pick-up* por trás do assento do condutor. Tirou uma chave de fendas e usou-a para desaparafusar as chapas de matrícula da frente e de trás. Avançou um pouco sobre a lixeira e enterrou-as num monte fumegante de lixo. Voltou a guardar a chave de fendas na caixa.

Curvou-se sobre o corpo. Com a mão direita, pegou-lhe no cinto dos *jeans* e, com a esquerda, agarrou uma mão-cheia da camisa aos quadrados. Ergueu o corpo do chão. Gemeu ao sentir o esforço nas costas: Mario era pesado.

A porta da *pick-up* continuava aberta. Priest balançou Mario para a frente e para trás um par de vezes para ganhar ritmo e depois, com um forte arremesso, atirou o corpo para dentro da cabina. Caiu

⁵ *Um, dois, três-quatro-cinco / Uma vez apanhei um peixe / Seis, sete, oito-nove-dez / E atirei-o de novo à água. (NT)*

sobre o banco corrido, os saltos das botas saindo pela porta aberta e a cabeça pendurada sobre o lugar dos pés do banco do passageiro.

Atirou a chave-inglesa atrás do corpo.

Queria aspirar um pouco de gasolina do depósito da carrinha e, para isso, precisava de um pedaço de tubo estreito.

Abriu o capô, procurou o líquido de limpeza do para-brisas e arrancou o tubo de plástico flexível que levava do reservatório ao bocal do para-brisas. Pegou na garrafa de *Coca-Cola* de dois litros em que reparara antes, deu a volta à *pick-up* e desenroscou a tampa da gasolina. Enfiou o tubo no depósito do combustível, aspirou até ter a boca a saber a gasolina e depois inseriu a ponta na garrafa de *Coca-Cola*. Esta encheu-se lentamente.

A gasolina continuou a correr para o chão, enquanto foi até à porta da carrinha e despejou a garrafa sobre o cadáver de Mario.

Ouviu o som de um carro.

Olhou para o cadáver encharcado em gasolina que jazia na cabina da *pick-up*. Se alguém aparecesse naquele momento, nada havia que pudesse dizer ou fazer para ocultar a sua culpa.

A calma inflexível abandonou-o. Começou a tremer, a garrafa de plástico escorregou-lhe dos dedos, e agachou-se no chão qual criança assustada. A tremer, mirou o trilho que levava à estrada. E se alguém madrugador viesse livrar-se de uma máquina de lavar loiça obsoleta, ou da casa de brincar em plástico com que os miúdos já não brincavam, ou os fatos fora de moda de um avô que morrera? O ruído do motor aumentou ao aproximar-se, e Priest fechou os olhos.

Ley, tor, pur-doy-kor.

O ruído começou a desvanecer-se. O veículo passara a entrada e continuara pela estrada. Tratava-se apenas de trânsito.

Sentiu-se estúpido. Ergueu-se, recuperando o controlo. *Ley, tor, pur-doy-kor.*

O susto, porém, fê-lo apressar-se.

Encheu de novo a garrafa de *Coca-Cola* e embebeu rapidamente o assento de plástico e todo o interior da cabina com gasolina. Usou o resto para traçar um trilho pelo chão até à traseira da *pick-up* e, por fim, salpicou o que restava na chapa junto da tampa do depósito. Atirou a garrafa para dentro da cabina e deu um passo atrás.

Reparou no boné de Mario no chão. Apanhou-o e atirou-o para a cabina, para junto do corpo.

Tirou uma caixa de fósforos do bolso dos *jeans*, acendeu um e usou-o para acender os outros todos. Em seguida, atirou a caixa em chamas para o interior da cabina da *pick-up* e retrocedeu rapidamente.

Rugiu uma chama, e ergueu-se uma nuvem de fumo preto, e, num segundo, o interior da cabina transformara-se numa fornalha. Passado um momento, as chamas serpentearam pelo chão até onde o tubo continuava a despejar gasolina do depósito. Ouviu-se outra explosão quando aquele estoirou, fazendo oscilar a *pick-up* sobre as rodas. Os pneus traseiros incendiaram-se, e as chamas dançaram em redor do chassis engordurado.

Um cheiro repugnante encheu o ar, quase fazendo lembrar carne a assar. Priest engoliu em seco e afastou-se mais.

Passados alguns segundos, o fogo decresceu de intensidade. Os pneus, os assentos e o corpo de Mario continuaram a arder lentamente.

Priest esperou uns minutos, observando as chamas; depois, aventurou-se mais perto, tentando respirar superficialmente para que o fedor não lhe entrasse no nariz. Olhou para o interior da cabina. O cadáver e o assento tinham solidificado juntos, formando uma massa negra repugnante de cinzas e plástico derretido. Quando arrefecesse, o veículo seria apenas mais um pedaço de lixo a que uns miúdos tinham deitado fogo.

Sabia que não se livrara de todos os vestígios de Mario. Um olhar rápido nada revelaria, mas se os chuis alguma vez examinassem a *pick-up*, iriam certamente encontrar a fivela do cinto, os chumbos dos dentes e talvez os seus ossos carbonizados. Priest apercebeu-se de que, um dia, Mario podia voltar para o assombrar. Todavia, fizera tudo o que pudera para esconder as provas do seu crime.

E agora tinha de roubar o vibrador sísmico.

Afastou-se do corpo que ardia e começou a andar.

AGRADECIMENTOS

Estou grato às seguintes pessoas pelo apoio prestado na elaboração deste livro:

O governador da Califórnia, Pete Wilson; Jonathan R. Wilcox, diretor adjunto do Gabinete de Relações Públicas do gabinete do governador; Andrew Poat, diretor-chefe adjunto do Departamento de Transportes;

Mark D. Zoback, professor catedrático de Geofísica, presidente do Departamento de Geofísica da Universidade de Stanford.

Na sede do FBI em São Francisco: o agente especial George E. Grotz, diretor do Gabinete de Imprensa e Relações Públicas, que me abriu muitas portas; a agente especial Candice DeLong, coordenadora do Departamento de Perfis Psicológicos, que generosamente dedicou muito tempo a ajudar-me com os pormenores da vida e do trabalho de um agente; Bob Walsh, agente especial no comando; George Vinson, agente especial adjunto no comando; Charles W. Matthews III, agente especial associado no comando; o agente especial supervisor John Gray, coordenador da Gestão de Crise; o agente especial supervisor Don Whaley, chefe da Divisão de Aconselhamento; o agente especial supervisor Larry Long, da Equipa Técnica; o agente especial Tony Maxwell, coordenador da Equipa de Recolha de Provas; Dominic Gizzi, funcionário administrativo.

Na sede do FBI em Sacramento: a agente especial Carole Micozzi; o agente especial Mike Ernst;

Pearle Greaves, especialista em informática, Divisão de Recursos de Informação, quartel-general do FBI;

O xerife do condado de Sierra, Lee Adams;

Lucien G. Canton, diretor, Gabinete de Serviços de Emergência do presidente da câmara, em São Francisco;

James F. Davis, geólogo oficial do estado da Califórnia; Sherry Reser, responsável de informação, Departamento de Conservação;

Charles Yanez, gestor, Western Geophysical, no Texas; Janet Loveday, Western Geophysical; Donnie McLendon, Western Geophysical, Freer, no Texas; Mr. Jesse Rosas, condutor de buldózer; Seth Rosing DeLong;

Dr. Keith J. Rosing, diretor dos Serviços de Emergência, Irvine Medical Center;

Brian Butterworth, professor catedrático de Neuropsicologia Cognitiva no University College, em Londres.

A maior parte das pessoas acima mencionadas foi-me indicada por Dan Starer, da Research for Writers, Nova Iorque.

Como habitualmente, os meus esboços e rascunhos foram lidos e receberam as críticas construtivas do meu agente, Al Zuckerman, das minhas editoras, Ann Patty, em Nova Iorque, e Suzanne Baboneau, em Londres, e de numerosos amigos e familiares, incluindo George Brennan, Barbara Follett, Angus James, Jann Turner e Kim Turner.